

Histórias e pesquisas das mulheres bonequeiras

Fabiana Lazzari de Oliveira

Universidade de Brasília – UnB (Brasília, DF)

Liliana Perez Recio

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC /
El Arca Teatro Museo de Títeres – (La Habana, Cuba)

Paulo Balardim

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC (Florianópolis, SC)



Figura 1 – Homenagem à artista mineira Efigênia Ramos Rolim, a “Rainha do papel de bala”, que desde os anos 1960 faz poesia, bonecos, histórias e obras de arte em Curitiba/PR.
Foto de Edu Camargo/UV Studio.

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/2595034702232020014>

O desafio que aceitamos, de lançar uma edição tão importante quanto essa, vem cercado de um dúbio sentimento que envolve tanto a tristeza da impossibilidade de visibilizar todas as artistas e pesquisadoras que trabalham incessantemente no panorama atual quanto a alegria de poder destacar algumas delas. Com certeza, em nossa história, estamos acompanhados de mulheres excepcionais que contribuíram e contribuem para o Teatro de Animação. Nesta edição, convidamos a refletir questões que envolvem a representação, a participação e o ativismo da mulher na arte.

Para Silvia Federici (2017, p. 27), a história das mulheres “significa não somente uma história oculta que necessita se fazer visível, mas também uma forma particular de exploração e portanto, uma perspectiva especial a partir da qual se deve reconsiderar a história das relações capitalistas”. Seus estudos confirmam que a reconstrução da história das mulheres, ou “o olhar sobre a história por um ponto de vista feminino, implica uma redefinição fundamental das categorias históricas aceitas e uma visibilização das estruturas ocultas de dominação e exploração” (idem, p. 29).

Se aceitarmos as hipóteses que indicam os princípios do Teatro de Formas Animadas nos ritos da Antiguidade, encontraremos, nos acervos arqueológicos de tais períodos, uma infinidade de figuras representando corpos de mulheres. Num ocidente posterior à dominação romana se pressupõe um devir que deriva a palavra “marionete” do francês “*marionnette*”, palavra que provém de *petit Marie* (pequena Maria). Representações hieráticas ou profanas em formas, técnicas e materiais diversos, figuras escultóricas articuladas ou não: mesmo que não possibilitem ler os usos que lhes foram dados em seu tempo, essas figuras sugerem diversos papéis atribuídos às mulheres em suas respectivas sociedades e épocas.

Mesmo que personagens femininas permeiem o universo do Teatro de Bonecos popular, por que em muitas culturas o ofício de quem anima ainda é

predominantemente exercido por homens (c.f. *Karaghiozis*, *Wayang*, *Karspel*, *Punch & Judy*, *Pulcinella* e *Mamulengo*, por exemplo)? Assim, para além da condição de personagens e de seus papéis, onde e como podemos encontrar as mulheres inseridas no grêmio dos animadores? Como elas subverteram/subvertem essa ordem?

Seja na transmissão familiar, seja no ensino, na construção, na dramaturgia, na direção ou na produção, a mulher aparece em diferentes graus de visibilidade em todos os processos relativos ao teatro de figuras animadas.

Quem são essas mulheres? De que modo impactaram/impactam a evolução e a coesão dos espaços de transmissão e promoção da arte bonequeira? Quais são as mulheres que atuam hoje no Teatro de Animação? Quais mulheres estão sendo representadas, e como? Quais são os desafios assumidos pelas bonequeiras? Que situações transpassam os diversos corpos das mulheres na cena animada em tempos de tecnologias da presença e lutas por direitos sobre o próprio corpo?

É claro que, ao falarmos em mulheres, deparamo-nos com uma infinidade de temas, porém, a presente publicação se propõe a apelar para a reflexão focalizada em experiências e processos que apresentam a participação da mulher enquanto motivo e sujeita da produção teatral com formas animadas. Que resistências e desafios enfrentam /enfrentaram no plano profissional? Que espaços são mantidos ou conquistados?

Com respeito às próprias lutas das mulheres, em nível mundial, em clamor à justiça de gênero, segurança, saúde e equidade, como o Teatro de Animação dialoga com essas questões? Que articulações, representações e poéticas emergem das produções de mulheres e sobre mulheres? Que pesquisas estão sendo realizadas?

Uma infinidade de outras inquietações podem transbordar para além dessas que estão aqui apresentadas, possibilitando um desdobramento acerca dos múltiplos modos com que as formas animadas articulam as questões de gênero e também acerca do conhecimento da obra de inúmeras profissionais do Teatro de Animação.

Assim, em resposta a nossa chamada, os artigos, relatos e entrevistas recebidos nos apresentam um panorama atual sob duas perspectivas: a primeira, quanto ao próprio objeto de estudo e a segunda, sobre quem está pesquisando a respeito do assunto e a metodologia utilizada.

Ao organizarmos os artigos recebidos, percebemos a riqueza dos depoimentos contidos em muitos deles, quase sempre obtidos por meio de uma relação de admiração das pesquisadoras com as pesquisadas. Muitos, guardam respeitosa e grafia da oralidade da fala como registro de um modo de ver e interpretar o mundo. Essa fala livre, desprendida, parece nos lembrar de que a história é muito mais do que o registro de fatos. A história é vivida por pessoas que pensam, sentem, imaginam e contribuem para a geração de imagens coletivas que produzem um passado. O fator humano e o modo como suas lembranças são fixadas, perpassadas pela vivência, torna cada pessoa uma fonte de experiência do mundo. Os relatos orais constituem importante material que expressa o modo como a realidade foi construída na memória, calcada em percepções e sentimentos aliados aos fatos. A memória, como construção psíquica e intelectual, representa informações selecionadas pelo sujeito referencial. O registro dos depoimentos presentes em diversos artigos é constituído por um mosaico de lembranças, fragmentos que justapostos pintam um panorama ainda recente, em fluxo, o qual, organizado pelas pesquisas, colabora para redimensionar nosso contexto histórico e artístico, permeando com afetividades a construção do olhar. O trabalho carinhoso e atento realizado pelas pesquisadoras denotam um modo de encarar a produção acadêmica como um espaço de investigação criteriosa, evidenciando conteúdos nas entrelinhas, mas também um espaço de humanização nas relações e cuidado com os saberes que se vão construindo no percurso da arte.

Dessa forma, nesta edição, contamos com a colaboração de:

Amanda de Andrade Viana relata a pesquisa em andamento que realiza junto ao grupo paraibano de teatro de bonecos *Cia. Boca de Cena*. Nela, indaga-se sobre a representação das vozes femininas que permeiam o universo do teatro de bonecos popular nordestino, especificamente na Paraíba.

Ana Alvarado tece, em entrevista com três diretoras argentinas (Daniela Fiorentino, Carolina Ruy e Tatiana Sandoval), considerações sobre a participação de mulheres na direção de teatro de animação, sua legitimação, reconhecimento e diversidade estética, questionando se existem características típicas de uma direção feita por mulheres.

Andrea Gaete Pessaj e Carmen Luz Maturana, a partir de uma mostra de dez textos escritos entre 1926 e 2018, disponíveis no *Centre de Recherche et Documentation* do *Institut Internationale de la Marionnette* (Charleville-Mézières), nos trazem um recorte de pesquisa sobre algumas obras de mulheres que estabeleceram conexões entre Teatro de Animação e educação (escolar ou não-formal), tentando compreender suas vozes discursivas.

Bárbara Duarte Benatti e Izabela Costa Brochado, cruzando reflexões teóricas com a narrativa oral de Cida, Larissa e Neide Lopes, do *Grupo Mamulengando Alegria* (Glória do Goitá – PE), nos apresentam um pouco da história dessas mamulengueiras, mas também falam do processo de investigação na dissertação de mestrado realizada em 2017 e como ela influenciou suas perspectivas de pesquisa.

Carolina Tejada compartilha suas reflexões sobre a criação cênica, questionando sobre o modo como as mulheres se veem hoje, frente ao feito artístico, e como isso pode abrigar novas expressividades, novas dramaturgias, novos processos criativos e encontros.

Cássia Macieira entrevista Conceição Rosière, artista e ativista do teatro de bonecos, dando a conhecer um pouco do seu percurso e do desenvolvimento dessa arte no Brasil, ligada às ações desenvolvidas pela Associação de Teatro de Bonecos de Minas Gerais - ATEBEMG, da qual foi uma das fundadoras.

Clorys Daly, com todo seu carisma, relata um pouco de sua história, ao longo de mais de oitenta anos de experiência, e do surgimento da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos – ABTB. Em seu relato, percebemos também uma visão da sociedade brasileira de uma determinada época sobre o trabalho da artista mulher.

Daniela Gomes, em diálogo com **Schirley P. França**, da companhia *Carroça de Mamulengos*, compartilha um pouco da história de vida e motivações

artísticas da matriarca dessa trupe familiar, que nos abre seu baú de memórias para falar da sua relação com a cultura popular.

Daniele Viola e Laura Gedoz compartilham sua pesquisa prática com máscaras, sugerindo um caminho de delicadezas para a compreensão da relação entre a materialidade da forma esculpida e a atriz, apontando um olhar sensível sobre suas descobertas pessoais do corpo-máscara.

Joana Vieira Viana, partindo do diálogo com a atriz Carolina Garcia, apresenta uma leitura do espetáculo *Habite-me* (2019), permeando suas análises com reflexões sobre a representação do corpo da mulher e sobre a relação desta com o mundo, utilizando, para isso, das metáforas que identifica na obra.

Jô Fornari, Maysa Carvalho, e Suzi Daiane discorrem sobre a atuação das mulheres no desenvolvimento do teatro lambe-lambe em Santa Catarina, apresentando seus antecedentes e mapeando espetáculos e ações culturais que traçam parte do movimento dessa linguagem no estado.

Júlia Sarraf, ao apresentar a trajetória de sua avó, Maria Luiza Lacerda, hoje com oitenta anos, por meio de depoimentos e recortes de críticas em jornais, dá a conhecer um pouco da história do teatro de bonecos no Brasil, entrelaçada com memórias de vida da artista que foi uma das fundadoras da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos - ABTB.

Kely Elias de Castro, ao discorrer sobre o trabalho de duas importantes bonequeiras brasileiras, Sandra Vargas e Verônica Gerchman, fundadoras das companhias *Sobrevento* e *Trucks*, respectivamente, destaca não apenas a excelência do trabalho dessas artistas e formadoras de novos profissionais, mas também reflete sobre a importância da representatividade da mulher e o papel crucial que elas tiveram como fonte de inspiração para seu trabalho pessoal.

Mariliz Schrickte nos brinda com a análise do espetáculo *O Quadro de Todos Juntos*, da companhia que participa, *Pigmaleão Escultura que Mexe*. Em sua reflexão, problematiza sobre a construção dramatúrgica e a representação da figura materna nas personagens presentes no espetáculo.

Nerina Dip traz o apoio teórico de várias pesquisadoras-artistas para refletir sobre objeto e memória e a relação desses com o sujeito que anima no

teatro de objetos, a partir de um processo criativo que integra sua pesquisa de doutorado e que se relaciona com sua memória familiar.

Rossana Della Costa homenageia duas grandes bonequeiras gaúchas que partiram em 2019, as irmãs Graziela e Tânia de Castro Saraiva, batalhadoras do movimento da Associação Gaúcha de Teatro de Bonecos – AGTB. Para isso, organiza um compilado de depoimentos que traçam um perfil das artistas, mães e produtoras.

Tuany Fagundes apresenta, em forma de relato, as motivações de sua pesquisa de mestrado, a qual versa sobre o amor no teatro de animação. A jovem pesquisadora reflete sobre seu processo criativo e dialoga com artistas mulheres que lhe foram fontes de inspiração.

Vanessa Benites Bordin traz em sua pesquisa o olhar sobre as máscaras da etnia ameríndia Tikuna, localizada na tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru, relacionada com os ritos de iniciação feminina *Worecü*, a “Festa da Moça Nova”. Ao descrever procedimentos e dialogar com esse povo, evidencia saberes antigos dessa sociedade e indica algumas perspectivas de estudos interculturais.

Esperamos que estas provocações instiguem a reflexão das leitoras e dos leitores em diferentes perspectivas dentro da temática proposta.

Gostaríamos de agradecer a colaboração da *Rede de Bonequeiras Brasileiras* (importante ação realizada pelas mulheres bonequeiras neste ano de 2020, na qual despontam mais de 280 mulheres). Sobre essa rede, Catarina Calungueira e as outras participantes nos contam que ela surgiu no Seridó, em Ipueira, no Rio Grande do Norte, em dezembro de 2019, para celebrar a beleza e a força de Dadi Calungueira, brincante popular do teatro de bonecos da cidade de Carnáuda dos Dantas –RN. Aos poucos, outras artistas foram se agregando e fazendo com que a união desse grupo fortalecesse uma rede colaborativa e de afeto.

Dedicamos esta edição às bonequeiras que nos ensinaram, ensinam e continuarão ensinando muito sobre a arte, com suas vidas e seus legados e, em especial, à Prof^a. Dr^a. Ana Maria Amaral, por seu pioneirismo e pela contribuição de seus trabalhos às pesquisadoras e pesquisadores.



Figura 2 – Prof.ª Dr.ª Ana Maria Amaral, durante o Encontro Poéticas do Inanimado (SP), 2019. Foto: Fabiana Lazzari

Referências

FEDERICI, Sílvia. *Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Ed. Elefante, 2017.